

Arthur Schopenhauer e a Anestesiologia

Arthur Schopenhauer and Anesthesiology

João Pina^{1,2*} 

Afiliação

¹ Unidade de Cuidados Intensivos e Intermédios Polivalente, Hospital do Santo Espírito da Ilha Terceira, Angra do Heroísmo, Portugal.

² Instituto de Bioética, Universidade Católica Portuguesa, Porto, Portugal.

Palavras-chave

Bioética; Consentimento do Representante Legal; Defesa do Paciente; Tomada de Decisão Clínica

Keywords

Bioethics; Clinical Decision-Making; Patient Advocacy; Third-Party Consent

INTRODUÇÃO

Arthur Schopenhauer¹ nasceu em Danzig, actual Gdansk, na Polónia, a 22 de Fevereiro de 1788, tendo emigrado cedo com os pais para Hamburgo, na Alemanha, em 1793, altura em que a sua terra natal passou a ser ocupada pela Prússia.

Em 1813, doutorou-se pela Universidade de Berlim com a tese *Sobre a Quádrupla Raiz do Princípio da Razão Suficiente*. Viajou muito pela Europa, sobretudo pela Itália, teve várias ligações amorosas que não conheceram continuidade e a partir de 1831 fixou residência em Frankfurt.

Arthur Schopenhauer é reconhecido como o filósofo da representação ou filósofo da vontade. A sua obra mais importante e mais divulgada, publicada em 1818, *O Mundo como Vontade e Representação*, caracteriza o mundo fenomenológico como produto duma vontade cega e insaciável, vontade essa a que chama *noumenon* palavra alemã derivada do grego *nooumenon*, numa referência ao conceito kantiano de númeno, ou seja, a coisa tal como é em si própria, incognoscível a que só a Razão poderá ter acesso, por oposição à coisa que é percebida pelos sentidos através dos seus atributos fenomenais, atributos que ajudam os nossos sentidos a definir essa coisa.²

Conhecido também como o “Príncipe do pessimismo”, para compreender Schopenhauer é preciso conhecer a sua vida entre a vontade do pai que queria que ele fosse comerciante e a crítica da mãe, que se tornou uma das mais populares escritoras de seu tempo, mas muito temperamental e com muito mau génio. Esta tivera uma vida infeliz com seu prosaico marido e quando ele morreu entregou-se ao amor livre e mudou-se para Weimar por ser um ambiente mais apropriado para este tipo de vida. Arthur Schopenhauer reagiu contra isso, como Hamlet contra o segundo casamento de sua mãe; e os desentendimentos com a mãe ensinaram-lhe uma grande parte daquelas meias verdades sobre as mulheres

com as quais iria permear sua filosofia. Uma das cartas dela ao filho revela o estado de coisas entre os dois: “*Você é insuportável e opressivo e muito difícil de se conviver; todas suas boas qualidades são obscurecidas pelo seu convencimento e tornadas inúteis para o mundo porque você não pode conter sua tendência de criticar as outras pessoas*”.

A mãe acabou por rejeitar o filho num episódio em que o empurra pelas escadas abaixo. A vida profissional de Arthur também não foi das mais brilhantes tendo visto rejeitadas muitas das suas publicações. O facto de se ter oposto frontalmente às ideias de Hegel, seu contemporâneo, acabou por o excluir da sociedade da época e por o desacreditar. Foi professor de filosofia na Universidade de Berlim, mas por pouco tempo. As suas aulas tinham quatro alunos. Um dia, deliberadamente, marcou a sua aula para a mesma hora da de Hegel, que ocorria na sala ao lado pensando que a sua sala iria encher e deixar Hegel humilhado. Desgraçadamente para Schopenhauer aconteceu ao contrário, de forma aparatosa. Não teve ouvintes e Hegel, teve a sala cheia.

Só muito tarde, em 1851, publica *Parerga e Paralipomena*, obra que continha ensaios sobre o seu principal trabalho, a vontade e a representação do mundo. Foi o seu primeiro sucesso em parte devido aos imensos e frequentes elogios produzidos pelos seus discípulos. Estes discípulos encontravam-se sobretudo fora da academia, a Royal Danish Society, que nunca reconheceu o valor da sua filosofia anunciada na primeira obra publicada em 1818 e mais tarde em 1841, *O Mundo como Vontade e Representação*, obra que foi ignorada ou teve críticas negativas. Os seguidores de Schopenhauer eram sobretudo advogados que estavam interessados em seguir estudos privados de filosofia.

Em 1856 os filósofos académicos começam, finalmente, a reparar no seu trabalho e a Universidade de Leipzig patrocina um concurso de ensaios sobre a filosofia de Schopenhauer. Daí para a frente o reconhecimento foi-se dando não só através da divulgação da sua obra e filosofia, mas também pelos retratos que dele fizeram e de visitas aos locais por onde tinha passado, presentes que lhe foram dando e autógrafos que pediram.

Autor Correspondente/Corresponding Author:

João Pina

Morada: Unidade de Cuidados Intensivos e Intermédios Polivalente, Hospital do Santo Espírito da Ilha Terceira, Angra do Heroísmo, Portugal.

E-mail: pina.jpa@gmail.com

Iam vê-lo jantar ao *Englischer Hof*, Frankfurt, hotel onde vivia desde 1859 e que em sua honra, após a reconstrução em 1904, se passou a chamar *Schopenhauerhaus*. Este edifício foi destruído em 1944, durante um bombardeamento. Schopenhauer teve poucos ou nenhuns problemas financeiros ao contrário da sua mãe e da sua irmã. Com a morte do pai herdou um terço da sua significativa fortuna e aplicou-a em títulos do tesouro, do governo alemão, que lhe rendiam o dobro dum ordenado de professor universitário. Até à sua morte, nesta cidade, no dia 21 de Setembro de 1860, escreveu numerosas notas, principalmente sobre a velhice, que foram publicadas postumamente sob o título de *Senilia*.

Após a morte, a vida e obra de Arthur Schopenhauer influenciaram muitos pensadores e artistas como Nietzsche, Wittgenstein, Anthony Ludovici, e cientistas como Albert Einstein e Erwin Schrödinger, ou psicanalistas como Freud e Jung, escritores como Tolstoy, Melville, Thomas Mann, Machado de Assis, José Luís Borges, Samuel Beckett e o compositor Richard Wagner.

A obra e a influência de Schopenhauer são transversais a muitas disciplinas, como de resto a filosofia teria que ser.

O que tem a ver Schopenhauer com a Anestesiologia? Ou melhor, com a vocação anestesiológica? A resposta curta é: Schopenhauer introduziu na filosofia ocidental elementos do budismo, como a compaixão e a bondade, onde enraízam os princípios da Anestesiologia enquanto disciplina do conhecimento que nasce e se dedica, estuda e ensina, domina e aplica a arte e a ciência de controlar o sofrimento e a dor.

Schopenhauer encara as dores do mundo³ numa perspectiva existencial, concreta, não mais platónica ou kantiana, em teoria ou pela força da razão, e anuncia uma ética baseada na compaixão. O que não é o mesmo que empatia. Esta pode surgir mais tarde. Não é a compaixão de sentir dó, pena ou piedade, mas a compaixão que desperta o amor, o *Ágape*, dos gregos, que traz valor ao objecto que despertou essa compaixão. O amor em *Ágape* é aquele sentimento que precede o valor ao contrário da amizade ou da *Philia* ou do *Eros* em que o valor do objecto motiva e precede o sentimento. O anestesiologista ao dedicar compaixão ao doente dignifica-o, atribuindo-lhe valor, e dignifica-se a ele próprio ao usar a sua liberdade na criação de valor.

A relação do médico com o doente obedece à filosofia da representação: O doente olha para o médico anestesiologista como aquela pessoa que dispõe de conhecimentos e treino para o poupar às dores e garantir a sua sobrevivência a um acto cirúrgico, enquanto o anestesiologista olha para o doente como um ser vulnerável, objecto de um dever assumido, antecipando a satisfação duma vocação que se realiza ao ajudar aquela pessoa numa fase particularmente perturbadora e difícil da sua vida. É como se o anestesiologista se completasse. Esta relação, materializada na consulta pré-anestésica, no bloco operatório, na unidade pós-operatória ou mesmo na enfermaria, embora seja frequente e repetida vezes sem conta, não pode nem deve ser considerada banal. Ela contém em si a essência da filosofia de Schopenhauer. O quadro inspira-se na dor e no sofrimento e desenrola-se na

compaixão. O elemento fundamental é a vontade e o desejo de viver, que num desencadeia a procura dos cuidados médicos e no outro desperta o sentimento de solidariedade. Pode-se perguntar: O que move o médico é o dever ou a compaixão? É a compaixão que gera o dever ou é o dever que suscita a compaixão?

Como diz o jesuíta Roque Cabral,⁴ “*Trivial na sua aparência, o facto de alguém se obrigar para com outrem, ou se decidir, constitui um privilegiado revelador antropológico*”.

E continua: “*Quando me obrigo para com alguém, altera-se o universo moral em que me movo. Com o meu compromisso fiz cessar uma indeterminação. O que antes me era indiferente, do ponto de vista moral, deixa de o ser e apresenta-se como uma exigência, negativa ou positiva, que vincula a minha liberdade*”.

O que, directa ou indirectamente, fundamenta o dever de quem promete, não é tanto a promessa em si, mas sim, o direito que ela origina naquele a quem é feita. Ora, no meu entender, o dever de servir é assumido no momento em que o médico se expõe como tal, e, portanto, leva o doente a procurá-lo. Esse direito, que aos doentes é outorgado em abstracto por cada médico, porque se anuncia desde logo como médico e potencial portador da cura, precede em muito esse encontro e essa relação em concreto. Embora tal encontro de vidas, a daquele doente com a daquele médico, seja promovido por uma promessa e pelo direito que ela gera, é a compaixão que se sobrepõe ao sentido do dever. A compaixão não é abstracta. Tem como objecto um ser em concreto, que sofre, naquele dia, naquele momento e naquelas circunstâncias e perante aquele médico. Agir em conformidade com o dever ou pela promessa, é pouco para a vocação médica. É criar uma aritmética jurídica, estéril, do *deve* e do *haver*. O dever é na realidade um exercício de liberdade que cria um imenso espaço para a compaixão em diversas frentes da relação. E isto não é de somenos importância pois à compaixão sucede o amor. António Damásio refere que o amor é mais do que um estado superior de consciência. “*O amor começa como um sentimento e depois caminha ao encontro de todos os outros saberes, aqueles saberes do mundo exterior que vamos acumulando. A nossa vida é esse encontro*.” E é neste encontro que se experimenta o amor.

A vida e a obra de Schopenhauer entrelaçam-se na fundamentação da sua teoria central: o mundo é uma representação e a razão é uma ilusão. Para Arthur Schopenhauer o mundo que conhecemos é o mundo fenomenológico, aquele mundo cujos atributos informam os nossos sentidos e que representamos no nosso espírito através do processo cognitivo. Há, porém, uma força imensa, uma Vontade natural, muito para além da “boa-vontade kantiana” e do imperativo categórico, que nos obriga, seres humanos, insectos, plantas, todos os seres vivos, a lutar pela vida. É uma força irracional que move todos os seres. Não depende da razão. A razão ilude o homem dando-lhe a sensação que pode controlar, descobrir e inventar, perceber e criar, infinitamente. No entanto, Schopenhauer mostrou que o homem mal tem domínio de si próprio ao ser movido

por uma vontade irracional, uma força que controla o “eu” de Descartes, que é egoísta e centrada na sobrevivência. Essa vontade é o *conatus* ou força de viver defendida por muitos filósofos. O termo teve uma influência notável não só em Schopenhauer, mas também em Nietzsche e Louis Dumont. Recebeu contributos importantes de filósofos do século XVII, como Spinoza, Descartes, Leibniz, e Thomas Hobbes. O termo *conatus* vem do verbo latino *conor* que pode ser traduzido por *tentar* ou *procurar*. Os Estóicos e os Peripatéticos moldaram o conceito de *ímpeto* à volta desse termo. *Conatus* também passou a ser usado para definir conceitos mecanicistas ligados aos fenómenos da inércia e do movimento.

De qualquer forma o ponto central do termo fica bem resumido por Bento de Spinoza: *“cada coisa, à medida que existe em si, esforça-se para perseverar em seu ser”* (Ética, parte 3, prop. 6). Mais recentemente, António Damásio recupera o termo ligando-o mais à biologia, à química e à neurologia. De resto, e do meu ponto de vista, a Natureza não permitiria a emergência dum qualquer ser vivo, animal ou planta, se não nascesse já com mecanismos de defesa e de recuperação que lhe permitam a luta pela continuidade, quanto mais não seja até à procriação ou replicação. Schopenhauer desconstrói consistentemente a metafísica tradicional, fundando a ética da compaixão sobre o cenário pungente da dor que avassala o mundo e que provém da doença, da miséria, da guerra e da fome. Trata-se duma ética prática e vivencial baseada no contraponto ao egoísmo, fruto do “ego” e do “eu”, e à crueldade inata do homem na sua loucura para sobreviver. Na sua obra “As dores do Mundo” escreve:

“Não conheço nada mais absurdo do que a maior parte dos sistemas metafísicos, que explicam o mal como uma coisa negativa; só ele, pelo contrário, é positivo, visto que se faz sentir... O bem, a felicidade, a satisfação, são negativos, porque não fazem senão suprimir um desejo e terminar um desgosto. Acrescente-se a isto que em geral achamos as alegrias abaixo da nossa expectativa, ao passo que as dores a excedem grandemente. Se quereis num momento esclarecer-vos a este respeito, e saber se o prazer é superior ao desgosto, ou se apenas se compensam, comparai a impressão do animal que devora outro, com a impressão do que é devorado.”

A proposta de Schopenhauer é que a compaixão seja considerada o princípio fundamental. Contra a razão pura kantiana, a compaixão está para além da nossa representação do mundo e da razão ilusória. Através da compaixão percebo a unidade de todas as coisas e consigo estabelecer uma relação que me une e conecta com todos os outros, enquanto o egoísmo seria uma “ausência metafísica” que separa os homens. Diria mesmo, que a compaixão, apela à alteridade e ao reconhecimento de *“eu sou o outro e o outro é parte de mim”*. Que somos parte dum sistema que não depende de ninguém em particular, mas sim de todos e que o sofrimento, qualquer que ele seja, e que por definição alerta para uma perda iminente, desperta a energia deste sistema equilibrado, ecossistema, em cada um dos seus elementos, plantas e animais, num acto simultâneo de “compaixão natural” que

visa eliminar ou isolar o agressor e reestabelecer o equilíbrio. O que releva deste processo não é a morte, não é a perda, é a vontade de lutar, presente no próprio ser e nos que com ele convivem. Neste aspecto, o Amor, essa energia que já referi é o contrário de Indiferença ou Anergia. O Ódio mantém uma energia vital, fruto da decepção consigo próprio, mas orientada para o próximo, adversário ou não. A energia contida é válida, só que de sinal contrário. Ódio e Amor são as duas faces da mesma moeda. A Indiferença é ausência de energia, vontade transformadora... o mesmo que morte. A Indiferença não é compatível com a vocação médica. O sofrimento que apela à intervenção por vezes abre brechas na Vontade natural, naquele *conatus* que nos condiciona e permite ao ser humano revelar-se, conhecer-se, criar e, através da compaixão, enfim, amar e sentir o sopro da Liberdade. Alguns ensinamentos práticos da filosofia de Schopenhauer, pois é disso que se trata, uma filosofia existencial, prática e orientada para os problemas do sofrimento e da dor, podem ajudar a relação médico-doente. Só nos conhecemos verdadeiramente na solidão. Solidão é diferente de solidude. A primeira produz sofrimento. A segunda é uma opção consciente, deliberada e serena que permite o isolamento do ruído do mundo criando espaço e disponibilidade para pensar sobre si próprio. O discernimento necessita da solidude.

O que é normalmente entendido como felicidade, riqueza, poder ou glória, é essencialmente, negativo e, absolutamente, nunca positivo. A representação do sofrimento, ela própria, pode ter diversas perspectivas, tal como Schopenhauer refere. Assim, o sofrimento não pode ser menosprezado como um elemento de inspiração e de clarificação para a vida e para o auto-conhecimento. A este propósito, e recentemente, numa entrevista dada à CNN, o jornalista Fareed Zakarias no Programa GPS pediu a Walter Isaacson, autor do livro *The Code Breaker*, que falasse de David Sanchez, uma das personagens reais desse livro. Walter, a propósito da edição do DNA, um dos assuntos abordados na sua obra, contou que David Sanchez sofre de anemia falciforme e quando joga basquetebol contorce-se com dores. Disseram ao David que agora já poderiam editar os seus genes e corrigir o problema nos seus filhos. Perguntaram-lhe se não o queria fazer... Ele respondeu: *“Ótimo. Perguntem aos meus filhos. Eles que decidam.”* “Porquê?”, perguntaram um tanto admirados. David respondeu: *“A anemia falciforme ajudou a moldar-me. Tornou-me mais solidário, mais persistente. Senti compaixão e empatia pelos outros porque passei por isso.”* Walter conclui a entrevista dizendo: *“Quando começamos a mexer com a raça humana, temos de manter a compaixão e a empatia e não dizer: Vamos pôr fim à diversidade na sociedade. Fiquei tão comovido com aquele rapaz de 17 anos... acho que é o melhor bioeticista do meu livro.”*

Segundo Schopenhauer o homem pode fazer o que deseja, mas não pode controlar o que deseja. Vencer a Vontade não é fácil. Schopenhauer usa elementos hinduístas e compara-a a um elefante: enfrentá-la frontalmente garante o insucesso e a perda de controlo. Criar oportunidades de diversão e alteração na trajectória, passo a passo, usar a inteligência,

pode ser mais lento, menos dominador, mas evita a decepção do fracasso. As mudanças melhores são as mudanças lentas e graduais. Para Schopenhauer, a melhor forma de não ficar na maior tristeza é não esperar ser muito feliz. O mesmo é dizer que uma vida com menos sofrimento é melhor do que uma vida com grandes alegrias. Reduzir a dor é mais importante que perseguir desejos de grande felicidade.

A compaixão é a base da moralidade. Não ofender e ajudar é a base de todo um bem-estar. Não interessa a dimensão do acto de compaixão. Ele fará a diferença. Não há proporcionalidade entre a iniciativa e o efeito. O tédio ocupa um lugar de destaque na filosofia de Arthur Schopenhauer. Em 'Aforismos para a Sabedoria de Vida' diz: *"A dor e o tédio são os maiores obstáculos à felicidade". De facto, exteriormente, a necessidade e a privação geram a dor; em contrapartida, a segurança e a abundância geram o tédio. Quando nos afastamos da dor aproximamo-nos do tédio e vice-versa. É principalmente dessa vacuidade interior, própria do tédio, que se origina a busca por reuniões, distrações, divertimentos e luxo de todo o tipo, busca que conduz tantas pessoas à dissipação e depois à miséria. Nada preserva tanto desse desvio quanto a riqueza interior, a riqueza do espírito. Pois esta, quanto mais se aproxima da eminência, menos espaço deixa para o tédio."*

Tal como na caverna de Platão, Schopenhauer diz que vivemos em função das sombras e das representações que conhecemos. A pintura e a música são excelentes escapes da prisão dos nossos sentidos ou da caverna das sombras. A arte, em geral, refere o filósofo, tem a qualidade de transcender a realidade e nos ligar à real essência espiritual deste mundo.

Recentemente faleceu o homem que era conhecido como o Maratonista de Boston, Dick Hoyt. Este homem fazia equipa com o filho, Rick, com uma particularidade: o filho tinha paralisia cerebral e deslocava-se numa cadeira de rodas empurrada pelo pai. Aos 10 anos, em 1972, Rick conseguiu fazer-se entender através dum dispositivo criado na Universidade de Tufts, no Massachussets. A primeira frase que disse surgiu num jogo de hóquei no gelo: *"Go, Bruins!!!"* Bruins era a sua equipa favorita. Até essa altura ninguém tinha percebido exactamente o que deixava feliz e o que motivava o jovem Rick. Se era o desporto pois será o desporto, pensou o pai. Em 1977 Rick pediu ao pai para correr as 5 milhas numa prova de caridade. O pai arrumou a farda de guarda nacional, arranjou uma cadeira apropriada para o filho e criou a Equipa Hoyt que correu as 5 milhas. No fim, Rick virou-se para o pai e disse: *"Não me senti nada incapacitado!"* A partir daí a Equipa Hoyt correu os EUA de norte a sul. Até Junho de 2005, o Team Hoyt já tinha participado num total de 911 eventos, incluindo 206 triatlos, seis dos quais competições *Ironman Triathlon*, vinte duatlos e 64 maratonas, incluindo 24 maratonas de Boston, consecutivas. O melhor tempo numa maratona ocorreu em 1992 com 2 horas e 40 minutos, apenas 36 minutos a mais que o recorde mundial, estabelecido sem empurrar cadeira de rodas, claro! Ainda em 1992 fizeram a corrida dos EUA em bicicleta, uma jornada de 3735 milhas, completada em 45 dias que ganharam. Ganhou também um Ironman, sendo



Figura 1. Team Hoyt em Wellesley, Massachusetts, durante a Maratona de Boston em 2012.⁵

que para a natação a organização autorizou o uso de um bote de borracha para transportar Rick e na bicicleta usou uma espécie de tandem. Fez tudo isto não pelas medalhas, não por recordes, não por protagonismo, mas apenas para ver Rick sorrir. Dizia Rick, em 2009, ao *The New York Times*: *"Quando estamos lá fora numa corrida, um elo especial forma-se entre nós"*. Mais tarde, numa entrevista ao *Boston 25 News*, conta o seu irmão Russ, que ele costumava dizer ao pai: *"Tu és o meu corpo e eu sou o teu coração"*. Médico e doente são uma equipa. Cada um tem um papel decisivo na relação e no desfecho. E se um tem a força da vocação o outro é fonte de inspiração.

Responsabilidades Éticas

Conflitos de Interesse: Os autores declaram não possuir conflitos de interesse.

Suporte Financeiro: O presente trabalho não foi suportado por nenhum subsidio ou bolsa.

Proveniência e Revisão por Pares: Não comissionado; revisão externa por pares.

Ethical Disclosures

Conflicts of Interest: The authors have no conflicts of interest to declare.

Financing Support: This work has not received any contribution, grant or scholarship.

Provenance and Peer Review: Not commissioned; externally peer reviewed.

ORCID

João Pina  <https://orcid.org/0000-0001-9737-9026>

Submissão: 25 de março, 2021 | Received: 25th of March, 2021

Aceitação: 25 de março, 2021 | Accepted: 25th of March, 2021

Publicado: 25 de março, 2021 | Published: 25th of March, 2021

© Autor (es) (ou seu (s) empregador (es)) Revista SPA 2020. Reutilização permitida de acordo com CC BY-NC. Nenhuma reutilização comercial.

© Author(s) (or their employer(s)) and SPA Journal 2020. Re-use permitted under CC BY-NC. No commercial re-use.

REFERÊNCIAS

1. Wicks R. "Arthur Schopenhauer". In: Zalta EN, editor. The Stanford Encyclopedia of Philosophy. 2019 [consultado Jan 2020, Disponível em: <https://plato.stanford.edu/archives/spr2019/entries/schopenhauer/>]
2. Schopenhauer A. O mundo como vontade e representação. Lisboa: Rés Formalpress; 2005.
3. Schopenhauer A. As Dores do Mundo. O Amor — A Morte — A Arte — A Moral — A Religião — A Política — O Homem e a Sociedade. São Paulo: Edipro; 2019.
4. Roque C. Quando me obrigo ou decido. Brotéria. 2019;188. 739-45.
5. Team Hoyt in Wellesley [acedido Jan 2021] Disponível em: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Team_Hoyt_in_Wellesley.JPG